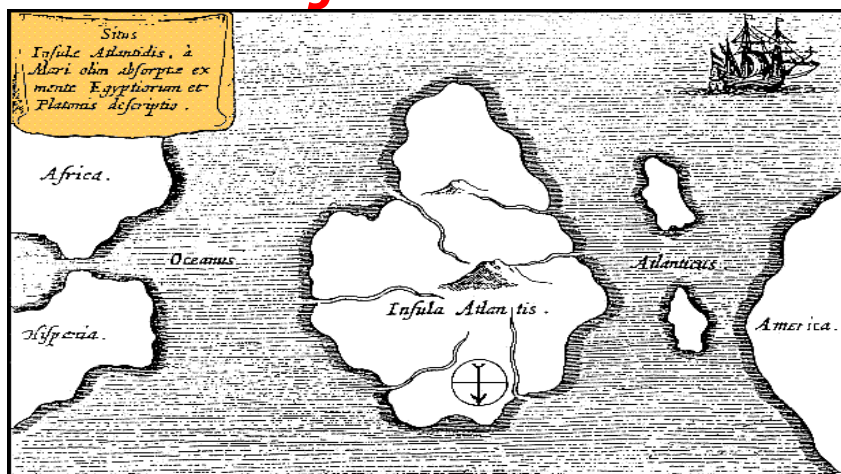


CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS



CADERNO Nº # 28 - edição junho 2015

DEDICADO A CARLOS TOMÉ

Todas as edições em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL/Colóquios da Lusofonia

Chrys Chrystello editou este número

COORDENADORES DOS CADERNOS - Helena e Chrys Chrystello

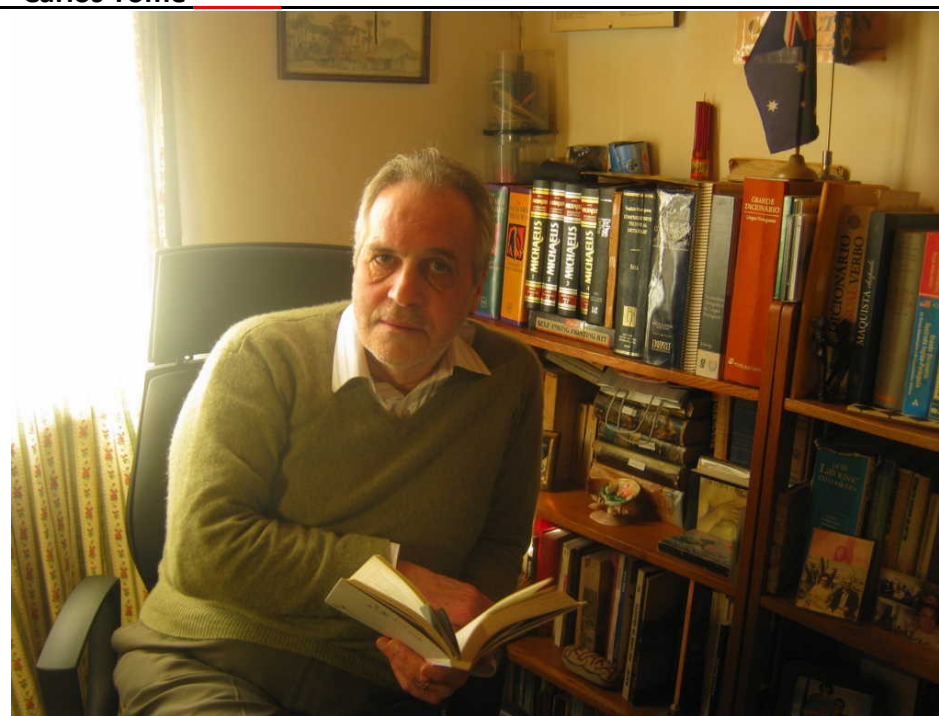
CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA – **revisto em outubro de 18**

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRYSTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 28 – Carlos Tomé

Em janeiro 2010, brotaram estes desprezíveis **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA, servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.**

Os **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino **“9 ilhas, 9 escritoras”**. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana *«enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência»*.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...*“assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental”*.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, *“a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”*.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiossincrasias:

— *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*

— *O dos insularizados ou «ilhanizados»², e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*

- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro **“CHRÓNICAÇORES** (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o **“Crónica do Quotidiano Inútil**, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a **BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE** com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos e a ser publicada em 2017. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Nos **CADERNOS** já se publicaram autores contemporâneos presentes ou homenageados nos colóquios além de nomes incontornáveis:

1. Cristóvão de Aguiar,
2. Daniel de Sá,
3. Dias de Melo,
4. Vasco Pereira da Costa,
5. Álamo de Oliveira,
6. Caetano Valadão Serpa,
7. Fernando Aires,

² adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 28 – Carlos Tomé

8. Mário Machado Fraião,
9. Emanuel Félix,
10. Eduardo Bettencourt Pinto,
11. Urbano Bettencourt,
12. Eduíno de Jesus,
13. Onésimo T. Almeida,
14. Maria de Fátima Borges,
15. Marcolino Candeias,
16. Norberto Ávila,
17. Victor Rui Soares,
18. José Martins Garcia,
19. CANCELADO
20. Joana Félix,
21. José Nuno da Câmara Pereira,
22. Manuel Policarpo (Vasco Pereira da Costa),
23. Maria das Dores Beirão
24. Tomaz Borba Vieira,
25. Maria Luísa Soares
26. Susana Teles Margarido
27. Madalena San-Bento
28. e hoje damos voz a Carlos TOMÉ



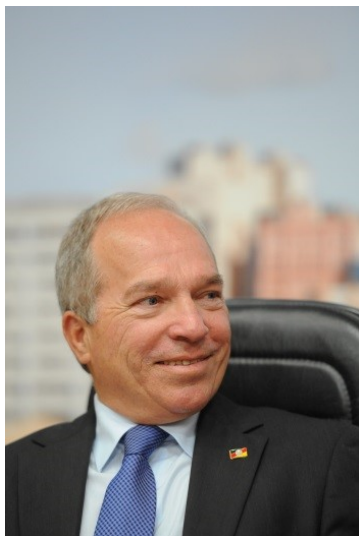
CARLOS TOMÉ

· Nasceu em Ponta Delgada, em outubro de 1951.

- Iniciou a sua carreira profissional, em 1969, no então vespertino “Diário dos Açores”, transitando, em 1976, para a RTP-Açores, que abandonou em 2007, após ter sido Chefe de Serviço Adjunto de Programas e Diretor de Informação.
- Foi Chefe de Redação do semanário “Jornal de Ponta Delgada” e repórter-correspondente nos Açores dos jornais “A Capital” e “Expresso”, ambos de Lisboa.
- Foi dirigente nacional do Sindicato dos Jornalistas.
- Foi assessor para a Comunicação Social do Presidente do Governo dos Açores, Carlos César, entre 2007 e 2012, e é, desde então, assessor do Vice-Presidente, Sérgio Ávila.
- Ganhou, em 1989, a primeira edição do “Prémio Açores” com “A Geração Esquecida”, uma grande reportagem sobre a importância dos açorianos na colonização do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, tornando-se, desde essa data, admirador confesso da História, das gentes e da cultura do estado gaúcho.
- Foi agraciado, em 2011, com a Medalha da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. É Cidadão Honorário de Porto Alegre desde 4 de agosto de 2011.
- Publicou, em 2002, “A Noite dos Prodígios e outras histórias” (livro de contos, editora Salamandra) e, em 2007, “Morreremos amanhã” (um romance que tem como pano de fundo a guerra colonial portuguesa, editora Artes e Letras)
- Participou, em 2007, na antologia “Contos de Algibeira” (editora Casa Verde, Porto Alegre, Brasil) e, em 2008, na coletânea “MAGMA”.
- Publica, embora sem a regularidade que pretendia, crónicas e contos em jornais e revistas, quer em Portugal, quer no Brasil.

OBRAS PUBLICADAS

9730. Tomé. Carlos. (1989). *A Geração Esquecida*, vencedor do Prémio Açores
9731. Tomé. Carlos. (1999). *A Noite dos Prodígios e outras histórias*. Lisboa, ed. Salamandra
9732. Tomé. Carlos. (2007). *Morreremos amanhã*. 1ª ed. Angola. Artes e Letras
9733. Tomé. Carlos. (2007). *Morreremos amanhã*, romance. Solidão, conto. na Antologia Contos de Algibeira (Casa Verde. Brasil)
9734. Tomé. Carlos. (2008). “Estava deserta a Rua Cidade de Porto Alegre”, conto in *Coletânea MAGMA transeatlântico*. Companhia das Ilhas



1. ESTAVA DESERTA A RUA CIDADE DE PORTO ALEGRE

A verdade é que, lá ao fundo, alguém martelava chapa ou coisa assim. Como não estava no nosso campo de visão, aceite o título, se faz favor. Até porque tem algo de romântico nele.

Estava, então, a rua deserta, quando iniciámos, eu e a minha mulher, a distribuição dos folhetos. Que folhetos?! Ah, pois, tem razão, preciso de voltar um pouco atrás.

Na véspera, um dia frio de março de 2003, aquela mesma rua chamava-se, até ao cair da noite, “Rua D”. Às seis, num batismo com fatos e gravatas, discursos e lágrimas ao canto do olho, passou a chamar-se Rua Cidade de Porto Alegre.

Sei quem foi o responsável por isso, mas a minha modéstia impede-me de o revelar. Só me autorizo a admitir que, não satisfeito com essa homenagem da minha cidade aos casais açorianos do século XVIII fundadores da capital gaúcha, achei justo dar conta aos moradores dos fundamentos de tal gesto.

E chegamos aos folhetos. Feitos em casa, eram bonitinhos, resumiam a saga dos casais, falavam do Rio Grande do Sul e dessa enorme Porto Alegre e procuravam acender a chama do orgulho por essa brava gente de mil setecentos e tantos.

A intenção era boa, mas um casal de maduros distribuindo folhetos foi má estratégia. Pensando bem, tínhamos um ar suspeito.

.....

– A senhora é a dona da casa?

– Sou, sim.

– Ótimo! Queremos deixar-lhe este...

– Ah, não, muito obrigada. Sou católica. Vou à missa todos os domingos e sou muito devota do Santo Cristo. Não quero ouvir falar de outra religião!

– Mas, minha senhora... Só queremos dizer-lhe que...

– Já disse que não. Sei como vocês começam, assim, de mansinho. Com licença!

A porta era de boa qualidade. Aguentou bem a batida e parece-me ter feito, até, um som um tanto musical.

.....

– Não entres!

Tarde demais. Eu já estava uns dois metros dentro do jardim e o cãozinho, o mesmo que vinte segundos antes abanava a cauda e parecia sorrir, mostrava dentes de anúncio de rações e fazia aquele som que em linguagem de cão significa “se dás mais um passo vais coxear pelo resto da vida”.

Não dei. Como um cobarde, inventei asas.

.....

– Finalmente, uma cara conhecida!

Era o Sousa, antigo companheiro da escola primária. Não sabia que morava ali.

– Como vão esses ossos, meu velho? Olha, trago-te aqui um folheto que explica a história da colonização açoriana do Rio Grande do Sul, essa gesta dos nossos antepassados que se aventuraram por esse mar e...

– Foste tu!

– Como? Eu, o quê?

– Foste tu que arranjaste este sarilho a toda a malta.

– Sarilho? Que sarilho?

– Ora, homem! Já pensaste no que vamos todos enfrentar para mudar os nossos endereços, fazer novos registos nas conservatórias civis e prediais, na Segurança Social e nas Finanças, averbar a “nova” residência nas cartas de condução, na Polícia, nos Bombeiros, nos Bancos, nas escolas dos nossos filhos, até nas cartas deles ao Pai Natal!

– Mas... mas esta rua não iria ficar sempre como Rua D...

– Quem sabe? E nunca ouviste dizer que no adiar é que está o ganho?

Não tinha. Mas quem já está na mó de baixo não confessa outras fraquezas, pois não?

.....

Eu disse que tínhamos um ar suspeito. Mesmo na última casa apareceu a Polícia.

– Boa tarde. Que estão os senhores a fazer?

Nome de rua, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, gaúchos, açorianos, História... O homem vai achar-nos maluquinhos. Às tantas, ainda nos leva à esquadra para deslindar isto tudo. Ná, nem pensar!

– Apostolado, senhor guarda, apostolado.

Com uma breve continência, foi-se embora. Nós também. Missão cumprida.

IN “MAGMA”, 2008

2. A SESSÃO SECRETA

O casal abranda o passo. Ela mantém-se meio encolhida, cozida ao corpo dele, como se procurasse proteção. Ele observa, sob o ombro, esquadrinhando os recantos mais escuros da rua, já de si mal iluminada.

Os dois param à porta de uma casa sem mais sinais de vida no interior do que uma ténue luz numa janela do piso superior. São dez da noite, em ponto.

Com o punho fechado, ele bate duas vezes, faz uma pausa, dá mais duas batidas, faz nova pausa e bate mais uma vez. É, obviamente, um código.

A porta abre-se, de imediato, e os dois entram rapidamente. Dentro está um outro casal, que sem uma palavra os precede pelo interior da casa. Deduz-se, pelo caminhar decidido dos quatro, que aquele trajeto já foi feito muitas vezes. Dirigem-se ao que aparenta ser um quarto de arrumações. Pouco mais tem do que uma mesa, algumas cadeiras e uma pequena cama de estilo militar. A falta de janelas e a fraca iluminação conferem-lhe um ar claustrofóbico.

Uma vez chegados, a porta é fechada à chave. O anfitrião dirige-se a um monitor de televisão, liga-o e certifica-se de que a imagem está a chegar em boas condições. Dá-se por satisfeito ao ver, no ecrã, a entrada da própria casa e um pedaço da rua, onde agora se vê passar um cão vadio.

– Tudo em ordem – diz ele, baixinho.

Os quatro cumprimentam-se, então, trocando abraços, beijos e saudações no mesmo tom de voz baixo.

– Como estão vocês? A tua tosse já passou? E as crianças, estão de saúde?

Os quatro conversam agora animada, mas discretamente, sem nunca elevarem as vozes mais do que em tempos distantes se utilizava nos confessionários. Estão calmos

e descontraídos, apesar dos olhares que vão deitando ao monitor da câmara instalada sobre a porta da rua.

O anfitrião serve bebidas. Os quatro vão bebericando nos intervalos da conversa, que flui quase só acerca de banalidades do quotidiano de cada um. Um observador, por mais desatento, depressa notaria que são muito amigos.

Quando as bebidas terminam, o anfitrião dirige-se à cama e anuncia:

– Vamos lá, então!

Debaixo do colchão, tira uma pequena caixa, que trata com tal cuidado que dir-se-ia recear quebrá-la. Os quatro sentam-se á mesa, com indisfarçado entusiasmo. Uma das mulheres adianta-se, abre a caixa e exhibe, com um sorriso, um velho baralho de cartas. Tão velho que falta um canto ao sete de paus e há uma nódoa castanha no valete de ouros, pelo que são facilmente identificáveis.

Mas é o que resta aos quatro. Uma relíquia do princípio deste século, guardada no dia em que as autoridades decidiram proibir e mandar destruir todos os baralhos de cartas, considerados antipedagógicos, transmissores de doenças e, por isso, socialmente inaceitáveis.

Desde esse triste dia 1 de janeiro de 2005, já lá vão onze anos, a caça feroz aos baralhos de cartas tem levado muita gente à barra dos tribunais e à vergonha de ser apontada como disseminadora de doenças e socialmente desprezível.

Em substituição dos baralhos, foi fomentada e, até, subsidiada a aquisição de consolas eletrónicas com os mais populares jogos, desde a plebeia "sueca" até à sofisticada "canasta", sem esquecer, claro, o "vinte-e-um", o "king", o "solitário" e muitos outros.

Mas quem consegue jogar bridge numa consola? Onde está o gozo tátil do cartear? Como fazer aquele estalido sacaninha com a carta, só para vincar superioridade e irritar ainda mais os adversários?

No quarto, Norte abre:

– Um pau!

Os dois casais são resistentes. Inveterados jogadores de bridge, há quase sete anos vêm fazendo estas sessões secretas, mesmo sabendo que podem ser descobertos pela temível BPC, a Brigada do Politicamente Correto.

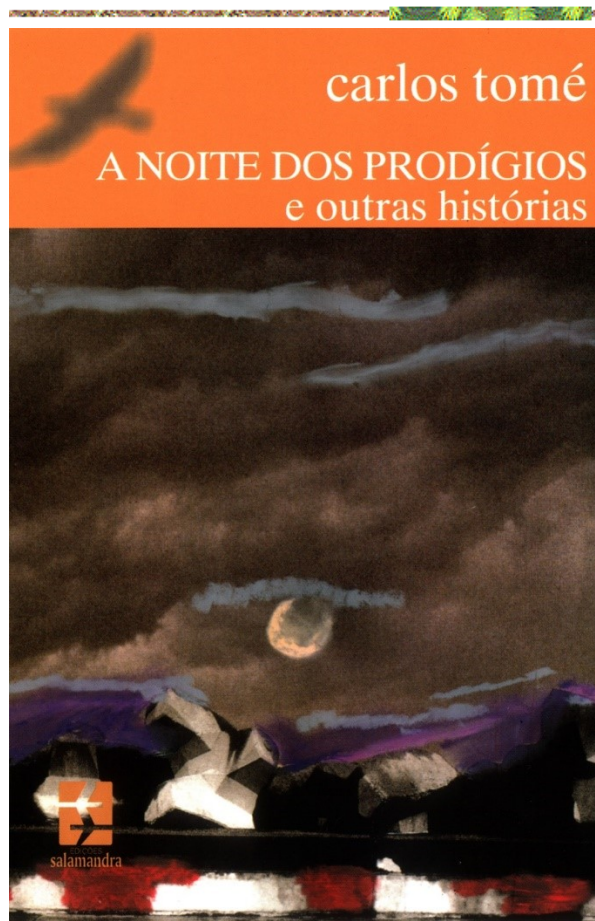
O risco é grande, mas o apego ao bridge ainda é maior. Tão superior que, aos quatro, o que mais preocupa é o facto de o baralho estar a ficar cada dia mais estragado. Ao ponto de também já se começar a notar falhas no rei de copas. O que é grave.

IN “A NOITE DOS PRODÍGIOS E OUTRAS HISTÓRIAS”

3. AEROPORTO

O polícia ajustou, sem pressa, as luvas brancas. Maquinal, percorreu o corpo do homem, das axilas aos tornozelos. Dominando um bocejo, mandou-o seguir, com um gesto. Não notou o seu olhar triste. Nem viu duas lágrimas de emigrante.

IN “AÇORIANO ORIENTAL”, MAIO DE 2007



4. VOOS NOTURNOS

- Prometa-me, por tudo, não contar a ninguém. Nem mesmo à sua mulher.
- Prometo, vizinho. Pode ficar tranquilo.

A promessa ficou feita. Jarbas nada diria do que vira e ouvira na última meia hora. De resto, estava já a pensar que o melhor era mesmo ficar calado. Não só ninguém acreditaria na história, como corria o risco de ser internado num hospício.

Tudo começara com uma ligeira indisposição que sentira naquela madrugada. Levantara-se da cama, sem acordar a mulher, e fora apanhar um pouco de ar para o quintal. Menos de um minuto depois, viu chegar o vizinho do 45. Voando!

Jarbas julgou estar com visões, talvez provocadas pelo mal-estar. Mas não. O vizinho, numa aterragem perfeita, com uma pequena corrida ao melhor estilo albatroz, parou a menos de cinco metros dele.

- Vizinho Jarbas! Não sabia que estava aí...
- Bo... boa noite. O vizinho veio voando!
- Pois vim. Não vale a pena negar...
- Mas... mas, como é possível? Como pode você voar?

– Descobri que podia voar ao mergulhar para uma piscina. O salto saiu tão longo que quase bati, de cabeça, no lado contrário. Depois, foi só treinar, aperfeiçoar, ganhar confiança. Fi-lo sempre em voos para o mar, de madrugada ou ao anoitecer, num calhau pouco frequentado. Um dia, foi o batismo de voo. Sem água. Irónico, não?

- E fê-lo onde, esse primeiro voo?
- Do meu terraço para o seu. E volta. Veja lá, vizinho Jarbas, a coincidência.

– E ninguém o vê? Isto é, antes de mim, ninguém o surpreendeu num dos seus voos?

– Julgo ter sido visto apenas uma vez. Sabe, nas cidades as pessoas raramente olham para o céu. Não vale a pena, pois os faróis dos carros, a iluminação pública e os anúncios criam uma luminosidade tão intensa que pouco céu as deixa descortinar.

- Mas alguém o viu...
- Sim. Por causa das condições meteorológicas.
- Teve de aterrar de emergência...
- Meu caro vizinho, eu não sou um Boeing!
- Desculpe. Julguei que...

– O que aconteceu foi resultado de um chuveiro, única exceção na regra de não olhar o céu. Já reparou que todos olhamos para cima quando começa a chover, como se fossemos meteorologistas ou soubéssemos avaliar quanto vai chover e por quanto tempo?

– Tem razão. E a única certeza que temos é a de grossos pingos de chuva em cheio nos olhos...

– Pois. Mas aconteceu que um dia, já no regresso a casa, vinha eu em voo um tanto rasante, começou a chover justamente quando passava sobre a casa de uma velhinha. Ainda não eram cinco horas, mas a velhinha madrugadora já estava à janela. O resto, você adivinha. Cai-lhe um pingo na cabeça, ela olha para o céu e, zás! dá de caras comigo.

– A pobre ia morrendo, não?

– Nada! Fez-me um grande sorriso e gritou “Cuidado com as antenas de televisão!”...

– Essa é boa! E depois?

– Depois, não aconteceu nada. A velhinha deve ter decidido guardar só para si o nosso encontro imediato. À cautela, não voltei a passar por lá. Mas a verdade é que fico um pouco triste, imaginando a velhinha, à espera, todas as noites.

– Coitada! Mas, que faz você, por aí, voando no escuro?

– Ora, isso mesmo. Voo, simplesmente. Como um Fernão Capelo Gaivota, paio sobre a cidade, divirto-me fazendo “loopings”, “tonneaus”, voo invertido. Com a brincadeira me reconcilio com o mundo e me preparo para um novo dia. Lá em cima há uma outra perspetiva de tudo, para além da visual, entende? Vistos do alto, todos nós não só parecemos insignificantes. Somo-lo mesmo. Talvez por isso Deus não perca muito tempo a olhar cá para baixo.

– Acha... acha que consigo também voar?

– Não sei. Experimente, treine. Mas não esqueça a sua promessa. Bico calado!

E Jarbas começou a sair de madrugada, toalha e calção de banho num pequeno saco. À mulher dizia ter-lhe o médico recomendado banhos de mar. Para a sinusite.

– De madrugada?!

– É. Coisas de médicos, filha.

Durante meses, ignorou chuva, vento e frio, treinando com obsessão as suas capacidades voadoras. Atirava-se do alto de um penedo, abrindo os braços, como asas, para logo cair a pique, sempre no mesmo pedacinho de mar. Melhorou da sinusite, mas descobriu, triste, depois de mais de quatro mil saltos para a água, ser nula a sua capacidade de voar.

Jarbas tem, no entanto, um plano. Com o fôlego ganho em tanto mergulho, quem sabe não poderá vir a brincar de submarino?

IN “A NOITE DOS PRODÍGIOS E OUTRAS HISTÓRIAS”

5. *O “FAR WEST” DA MATA DA SILVEIRA*

Tudo começou numa brincadeira inocente, de “cowboys e índios”, que a rapaziada do bairro fazia, aos sábados, à tarde, na mata da Silveira. Eram uns seis. Metade deles “cowboys”, com revólveres e espingardas de água, e a outra metade “índios”, da tribo comanche, com arcos de plástico e flechas de ventosa.

Crianças pacíficas, pouco utilizavam as armas de que dispunham. Tudo se passava no reino da mais pura fantasia, valendo mais um “Pum! Pum! Estás morto!” do que qualquer tentativa de fingir que o tiro falhara o alvo. Essa era, na verdade, a única regra. Até que vieram os adultos.

Sem se perceber bem como, os irmãos mais velhos e os pais começaram a juntar-se à brincadeira, a ponto de a mata da Silveira se transformar num povoadíssimo “Far West”. E o que era para ser fantasia pura começou a parecer-se com uma guerra a sério. Havia táticas, disciplina, ordens. Sobre tudo ordens, já que o sr. Silvério se autoproclamou chefe “índio”, adotando o nome de “Bisonte Vermelho”, e o Baptista, do supermercado do bairro, nomeou-se, a si próprio, líder dos “cowboys”, com o espantoso epíteto de “Calamity Jane”, vá-se lá saber porquê.

A mata da Silveira, aos sábados, era um local interdito a não-beligerantes. Perigoso, mesmo. Corria-se o risco de apanhar uma flechada de ventosa nas costas ou ver um cidadão, de cabelo grisalho, saltar de um arbusto, com uma pistola de água, e dar-nos um esguicho num olho.

Os combates eram renhidos, mas, por uma espécie de herança histórica, coincidência pura ou simples inabilidade, os “comanches” perdiam sempre. O máximo que conseguiram foi, num certo sábado, prolongar o combate quase até às dez da noite, altura em que uma comissão de mães e esposas furiosas entrou pela mata, aos berros, e enxotou todos os combatentes. O moral dos guerreiros ficou abalado, mas “Lobo Velho” disse, filosoficamente, que à noite mandam as “squaws”.

Num certo sábado, a hora dos “comanches” parecia ter chegado. Encurralaram os “cowboys” na mata, num cerco que, há cento e cinquenta anos, teria sido o seu fim. Mas, as maravilhas do mundo moderno permitiram uma saída. Um pouco suja, mas, de qualquer modo, uma saída. Os “cowboys” usaram o telemóvel e chamaram o 7º de Cavalaria.

A bem dizer, foi uma manobra de desespero, pois o 7º de Cavalaria era apenas o “Bigorna”, um tipo que Deus esqueceu quando distribuiu neurónios. Como compensação, deu-lhe uma avantajada dose extra de músculos, origem óbvia da alcunha. O tipo tinha a compacidade de uma bigorna. E a inteligência, também.

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 28 – Carlos Tomé

Chamado, às pressas, pelos "cowboys" encurralados, o "Bigorna" fez o que se exigiria ao 7º de Cavalaria: entrou pela mata num tropel alucinante, varrendo tudo à sua passagem.

O sr. Medeiros, aliás "Lobo Velho", ainda lhe atirou uma seta com ventosa, acertando-lhe em cheio na testa e gritando "Estás morto! Estás morto!", mas o brutamontes nem ouviu. Foi direto ao sr. Silvério, aliás "Bisonte Vermelho", que ao vê-lo avançar ainda se empoleirou numa pequena árvore da orla da mata. Debalde. O bruto sacudiu a árvore com tal violência que o desgraçado chefe índio caiu, desamparado, como um coco maduro.

Foi então que "Milhafre Estrábico", aliás Luís Gustavo, que usava uns óculos cujas lentes pareciam fundos de garrafas, decidiu intervir em defesa do seu chefe. Pulou de uma moita, num grito agudo que ouvira num filme do John Ford, e correu para o "Bigorna" com uma machadinha de plástico, daquelas que nem servem para cortar em dois um pacote de manteiga mole.

Vesgo, como era, não viu um toco mais saliente, aí a uns dois metros do inimigo. Como num desenho animado, "Milhafre Estrábico" tropeçou no toco e foi projetado, em prancha, contra o "Bigorna", a quem deu tão formidável cabeçada que o deixou inconsciente. E a ele também.

Com duas baixas graves, a batalha parou. "Cowboys" e "índios" trataram de reanimar os combatentes. À falta de sais, máscaras de oxigénio ou água para acudir aos desmaiados, recorreram ao mais velho e conhecido dos métodos: à bofetada.

E foi aí, em plenas tréguas para tratamento dos heróis caídos, que surgiram as outras seis baixas. É que o sr. Medeiros, às bofetadas ao desmaiado "Bigorna", achou que o Bertinho, aliás "Bertinho The Kid", estava a exagerar nos tabefes ao não menos inconsciente "Milhafre Estrábico". Então, vingava nas bochechas do "Bigorna" as violentas chapadas do Bertinho ao "índio" de óculos. Acabaram, os dois, quase ao soco nos indefesos desmaiados. "Cowboys" e "índios" não gostaram.

Em menos de nada, a mata da Silveira fervia. De um lado para o outro voavam arcos, flechas, pistolas e espingardas. E também duas pinhas, um molho de chaves, um telemóvel e um sapato.

"Cowboys" e "índios" puseram de lado toda e qualquer tática mais elaborada. Foram para o corpo-a-corpo, numa luta breve, quase silenciosa, à exceção de um ou outro gemido mais agudo.

A refrega só terminou quando "Milhafre Estrábico" e "Bigorna" acordaram do desmaio, quase ao mesmo tempo, e se abraçaram, silenciosa e comovidamente. Foi como tivessem enterrado o machado de guerra e fumado o cachimbo da paz, mostrando aos outros que estava na hora de voltarem todos para casa. Para lambar as feridas, por assim dizer.

E havia muito que lambar: por junto, o saldo foi de uns quantos lábios rachados, sobrolhos abertos e mazelas diversas, entre as quais se incluía uma surpreendente marca de dentada na nádega esquerda de "Buffalo Bill".

Foram todos para casa, para não mais regressarem à mata, nem às lutas de "cowboys e índios". A exceção é o grupo original de crianças, que voltou a brincar em paz e sossego.

IN "A NOITE DOS PRODÍGIOS E OUTRAS HISTÓRIAS"

6. SOLIDÃO

Rosa Maria olhou para o chão da cozinha. Limpo. Na pá, uma fina camada de pó. Pareceu-lhe menos ainda do que quando varrera pela terceira vez, dezoito minutos antes. Sem hesitar, atirou a poeira ao ar e ficou a vê-la cair, nuvem breve, no chão impecável. Teria tempo para varrer mais duas vezes até chegar a hora de tratar do almoço.

IN "CONTOS DE ALGIBEIRA", 2007, CASA VERDE, PORTO ALEGRE, BRASIL



À CONVERSA COM DIAS DE MELO NO PICO EM 2007



7. “MORREREMOS AMANHÃ”

1

Aquele tiro, todos os dias o ouço.

Ecoa na minha cabeça, num pontinho bem definido, atrás do ouvido esquerdo. Às vezes surge sem aviso, no meio de uma conversa, na rua, no cinema, a meio da noite. Outras, adivinho-lhe o estampido à passagem de uma motorizada barulhenta ou quando algo cai, um vidro se estilhaça. No instante imediato, a minha cabeça parece explodir, sacudida por esse som que nunca consegui esquecer e me parece, até, cada dia mais nítido.

E vêm aqueles intermináveis segundos de total silêncio, o presságio de morte, os gritos de pavor, as correrias na noite, as pancadas de aflição na porta do quarto e a voz trémula do Pereira:

– Meu alferes! Meu alferes! Venha depressa. Aconteceu uma grande desgraça...

O sinal de apertar cintos interrompe-me os pensamentos. Interiormente, agradeço a coincidência. Sou assim poupado a penosas recordações e, ao mesmo tempo, posso deixar de fingir que durmo. O passageiro ao meu lado é tão falador que me obrigara a pedir-lhe licença para uma soneca.

– Desculpe lá. Estou a gostar da conversa, mas não dormi quase nada na noite passada e as pestanas parecem de chumbo...

Agora posso, com ar amigável, fingir que acordei e, no mesmo movimento, voltar a minha atenção para a janela. A ilha deve estar prestes a ver-se, o que é um ótimo pretexto para me livrar do chato. O homem pertence àquela espécie de palradores compulsivos contra os quais temos poucas defesas. Sobretudo quando se está num avião, apertado entre ele e uma minúscula janela.

Risco-o das minhas preocupações à vista de S. Miguel. Pedacos de verde preenchem generosos buracos nas nuvens esparsas. O famoso anticiclone dos Açores deve andar por aí, afastando a bruma de que falava Raul Brandão. Um ilhéu, que julgo ser o de Vila Franca, está agora completamente visível, a meio quilómetro da costa salpicada de casario. Há vinte anos, quando aqui estive em breve viagem de trabalho, pareceu-me menos povoada.

– Já reparou que, mais escuro ou mais claro, tudo é verde? Não é por acaso que esta é a Ilha Verde...

Faço um grunhido de concordância. Continuo pouco interessado em mais conversa, mas aproveito a deixa para atentar melhor na paisagem. De facto, só os aglomerados populacionais se destacam, pequenas manchas brancas, no retrato da ilha. Dir-se-ia pintado por um artista pobre, porém talentoso, a quem só restavam tintas verdes e um pouquinho de branco. Mentalmente, tomo nota de uma sugestão para o fotógrafo do meu jornal, um tipo com alma de artista e suficientemente maluco para se meter no

que poderá ser uma bela reportagem de fotografia aérea destes calhaus perdidos no Atlântico.

O zumbido dos “flaps”, saindo para a configuração de aterragem, diz-me que estamos já perto do aeroporto. As inúmeras viagens que fiz transformaram-me num passageiro informado sobre procedimentos de voo e sei que, dentro de um minuto, se tanto, descerá o trem de aterragem. O preço a pagar por essa sabedoria é o susto que apanho quando algo não acontece na hora exata ou pela sequência habitual. E, também, esta fina camada de suor nas palmas das mãos.

Uns duzentos metros abaixo, Ponta Delgada. Como está maior! Cresceu, sobretudo, para norte, embora já não consiga perceber onde é agora o seu limite oriental. A praia de areia negra que me disseram, há vinte anos, ficar “aí a uns cinco quilómetros”, parece fazer agora parte do tecido urbano da cidade. A bonita avenida marginal continua com os seus edifícios de meados do século vinte, mas noto, fora do centro, o aparecimento de torres e mais torres. Dá um ar de progresso e de pujança, mas não consigo deixar de pensar no verde que tudo aquilo sacrificou.

Com um toque suave, o A-310 da SATA aterra. Como sempre acontece em aviões portugueses, uma salva de palmas premeia o piloto. O meu companheiro de viagem também aplaude, o que talvez explique o seu silêncio nos últimos cinco minutos. Por uma vez, sorrio-lhe, recordando aquele dia, na Madeira, em que não só aplaudi como tive de refrear o desejo de ir lá à frente, ao “cockpit”, abraçar os pilotos.

– Desta já nos safámos – diz ele, piscando um olho.

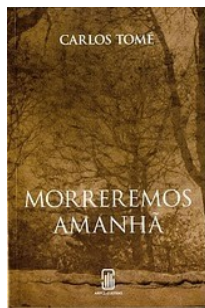
– É verdade – respondo, com o bocejo próprio da ressaca de adrenalina. Produzi tanta, ao serviço do jornal, que sugeri ao chefe de Redação um complemento de reforma para um programa de desintoxicação. O gajo ficou sem saber se eu estava a brincar, mas, quando lhe sugeri esta viagem aos Açores, teve um lampejo de humor, coisa rara naquele empedernido tarimbeiro

– Chefe, quero fazer uma reportagem sobre o problema das térmitas nos Açores. O que acha da ideia?

– OK, desde que não conte para o tal suplemento de reforma.

O sol bate-me na face no instante em que assomo à porta do avião. Olho para o relógio, desconto uma hora ao que o mostrador me mostra e concluo que ainda tenho tempo para pensar melhor no que vou fazer. São três da tarde, hora dos Açores. Antes das seis, julgo eu, não poderei cumprir o que realmente me trouxe aqui. Faltam três horas para saldar uma dívida de trinta anos.

“MORREREMOS AMANHÃ”



8. 13

Estou atrasado. Demorei mais do que esperava nas conversas que mantive. Eram necessárias, mas agora tenho de acelerar o passo. Preciso de um banho e ainda não comprei a garrafa de vinho que prometi levar para o jantar com Alice.

Apercebo-me de não ter pensado nela durante toda a tarde. E, no entanto, um estranho nervosismo tem-me incomodado. O tique no olho esquerdo é eloquente. A hora da verdade aproxima-se depressa. E desta vez prometi não mentir. E muito menos fugir.

Encontro um polícia junto de um semáforo. Sem me preocupar com o burlesco, pergunto-lhe onde posso comprar uma garrafa de vinho. Não consigo evitar o sorriso que a situação me provoca, mas o agente não se deixa contagiar. Profissional, diz-me para virar à direita na segunda rua. Só isso. Se me tivesse dado um conselho paternalista, do género “veja lá a taxa de alcoolemia”, talvez tivéssemos desatado, os dois, à gargalhada. Manteve-se impassível. De qualquer maneira, guardo a cena na memória. Pode dar uma boa crónica.

Encontro, sem dificuldade, onde comprar o vinho. É um centro comercial inesperadamente grande, pelo menos para a dimensão da cidade. Como todas as estruturas do género, um íman a que não escapam, todos os dias, pequenas multidões. Há mesmo quem frequente estes locais com devoção de peregrino, impregnando a roupa de fumo de tabaco e cheiro a comida como se de água benta se tratasse.

Vou direto ao supermercado e decido-me, sem hesitar, por um bom tinto da região de Setúbal. Nem reparo no preço. Comprar vinhos é um prazer que escapa à minha tendência para ser forreta. E bebê-los em boa companhia sempre me incentivou a grandes rombos na carteira.

No parque ao ar livre onde deixei o automóvel sou surpreendido por um pormenor que me escapara. Este formigueiro humano, cheio de vida, frenético, encosta a um cemitério. Não poderia haver maior contraste. Nem prova tão definitiva de que ninguém se importa já com os mortos. Há vinte anos não haveria quem se lembrasse de construir aqui um centro comercial. E, se houvesse, não seria autorizado.

Algo me diz que o Rui está sepultado neste cemitério. Tenho tanta certeza que julgo ver o seu nome numa das sepulturas, apesar da distância e do lusco-fusco do final da tarde. E fico estranhamente alegre, como se me preparasse para o reencontrar e abraçar.

Alegria breve. Um súbito nó na garganta sublinha uma imagem que se insinua no meu cérebro. O Rui está deitado, de olhos fechados. Espera pela chegada da noite. Mais uma que vai passar na pesada escuridão do seu túmulo. Não adivinha a minha presença, a poucos metros. E, por isso, a solidão lhe pesa tanto quanto a de todas as noites dos últimos trinta anos.

Apresso-me a entrar no carro. A temperatura está a baixar e uma brisa cortante enche-me os olhos de lágrimas. No espelho retrovisor confirmo os olhos vermelhos e o cabelo em desalinho. Procuro pensar nas horas, na necessidade de um banho, no trajeto para o hotel. No entanto, o que não me sai do pensamento é o Rui, aqui ao lado, enfrentando a eternidade.

– Sabes, Tozé, eu não tenho medo da morte. O que me apavora é o desconhecido, pá. E se tudo o que nos têm dito acerca de Céu e de Ressurreição não passa de conversa?

Ri-me, na cara dele, no dia em que me confessou esses medos e dúvidas. Gozei. Fui mau. Sem piedade, acusei-o de incoerência religiosa, duvidei da consistência da sua fé. Quando corou, embaraçado, inventei uma desculpa qualquer e fui para a parada amaldiçoar-me. Nunca mais discutimos religião. Nem voltei a colocar em dúvida que não tivesse medo da morte. Poucas semanas mais tarde, teria mesmo a possibilidade de verificar como ele, não sendo um louco, ou temerário, lidava com a perspectiva de colocar em risco a própria vida.

– Queres redimir-te de toda a merda que temos feito, pá? Por uma vez, queres ir ao mato sem pensar em dar tiros?

Rui estava entusiasmado. Um tal Tobias, guerrilheiro capturado que mantínhamos no quartel, queria ir ao mato resgatar a família. A mulher, grávida de cinco meses, tinha ido, com os dois filhos, colher mandioca na hora em que entrámos no seu acampamento e lhe deitámos a mão. Ficara separado deles. Há oito meses que os não via. Nem conhecia, sequer, o filho entretanto nascido.

Sem revelar como o conseguiu, Tobias disse ter contactado com a família. E tinha tudo preparado. No dia seguinte, quando a mulher e os filhos fossem ao rio, como parecia ser hábito, aproveitariam para fugir. Dirigir-se-iam, o mais depressa que pudessem, a um local conhecido, no mato. Aí se encontrariam e completariam a fuga, até ao Mucondo.

– Precisamos de ajudá-lo, pá. Por uma questão de humanidade. Afinal, fomos nós que o separámos da família...

O Rui queria que fossemos, os dois, escotar o Tobias. Sendo poucos, passaríamos despercebidos e garantiríamos proteção, caso os fugitivos fossem perseguidos. No mato, as deserções eram exemplarmente punidas. Histórias de desertores enforcados eram contadas por gente a quem perguntávamos por que suportava condições de vida tão duras. Havia, em muitas respostas, convicção nacionalista, fervor patriótico, ódio, até, ao poder colonialista. Mas também medo de ser apanhado a fugir.

Louvável, a intenção do Rui. O plano de operações é que era mau. E o capitão rejeitou-o liminarmente. Por nada iria autorizar que dois dos seus quatro oficiais fossem para o mato, na companhia de um prisioneiro mal-encarado, cuja lealdade não resistiria ao mais simples exame. E como poderia explicar a um general qualquer que dois alferes foram chacinados, ou apanhados, à mão, por se terem metido numa operação insensata, que ele, ainda mais insensato, autorizara?

Gastei uma hora e muita saliva para demover o capitão. Mais do que pelo Tobias, fi-lo pelo Rui. O seu entusiasmo levou-me a ultrapassar as minhas próprias dúvidas. Que eram muitas. Estaríamos sós, no mato, a quilómetros do quartel. Cinco, mais ou menos. Longe do Mucondo como dele para a Lua. Se algo corresse mal, estaríamos entregues a nós próprios. Bastaria que os fugitivos fossem perseguidos por um grupo de sete ou oito guerrilheiros para nos vermos em grandes dificuldades. E se tudo não fosse mais do que uma armadilha? E se fossemos emboscados, mortos? Ou, terror dos terrores, se nos capturassem vivos? No meio do mato sua-se frio, só de pensar nisso.

O capitão rendeu-se, mas com condições. Impôs contactos por rádio a cada meia hora e obrigou-nos a integrar mais um elemento. Um soldado, “para não envolver mais graduados nesse disparate”. Chamei o Godinho, um beirão rijo e corajoso. A sua HK-21 poderia, à cadência de 900 tiros por minuto, manter eventuais inimigos com as cabeças coladas ao chão. Uma imagem reconfortante, embora insuficiente para me fazer dormir descansado. Naquela noite, pouco dormi. E tive pesadelos em que era perseguido por hordas de guerreiros seminus, brandindo lanças, catanas, mocas.

Sáímos pouco passava das nove e meia. Tobias na frente, eu a seguir, depois o Rui e, a fechar, o Godinho. Combinámos manter, entre nós, uma distância de cerca de vinte metros. Em caso de emboscada, talvez não ficassemos todos. E já que discutíamos como reagir a essa eventualidade, fiz voz grossa e disse ao Tobias que lhe meteria uma bala nas costas ao menor sinal de traição. O homem limitou-se a sorrir, mas o Rui mostrou-se escandalizado com a minha falta de confiança no ser humano.

À cautela, mantive o Tobias a bastante menos de vinte metros. Mais do que garantir o tiro nas suas costas, queria vê-lo. Na sinuosa progressão pelo mato nunca o perdi de vista, apesar do seu rápido caminhar silencioso e da espantosa facilidade com que transpunha todo o tipo de obstáculos. Na sua esteira, eu ia tenso, nervoso, sempre desconfiado. Por mais de uma vez me passou pela cabeça ordenar o regresso. Ou, em

alternativa, ficar em local facilmente defensável e dar duas horas ao Tobias para ir, sozinho, buscar a família. Calei tudo por recear ser apelidado de medroso. A minha reputação ficaria de rastos. Para mais, sempre que olhava para o Rui ele fazia-me um grande sorriso.

Tobias fez alto às onze e dez. Estávamos numa pequena clareira, no cimo de um morro. Chegámos ao ponto de encontro. Dali se avistava uma vasta zona de capim, que parecia travar o avanço da floresta. Para norte, disse ele, ficava o acampamento inimigo. Mais duas horas e chegaríamos lá. O morro, mais quilómetro, menos quilómetro, ficava a meio caminho entre o Mucondo e o acampamento. A informação surpreendeu-nos. Meses antes, numa operação feita debaixo de chuva torrencial, andáramos dois dias para lá chegar, conduzidos por um guia tido por fiável. E o inimigo a quatro horas do nosso quartel.

– Não te sentes com vontade de procurar aquele filho da puta, pá? O que o gajo deve ter rido...

Como chegámos cedo, restava-nos esperar. Por ser mais fácil a caminhada, os fugitivos viriam pelo capim. Era um risco calculado. Caminhariam mais depressa, mas poderiam ser vistos. Naquela altura do ano o capim não tinha mais de meio metro de altura e era fácil descortinar vultos no meio da extensão dourada. Tão fácil que começámos a ver os fugitivos a mais de um quilómetro. Vinham depressa, quase a correr, e eram mais do que a mulher e os três filhos do Tobias. Até nós chegaram, ofegantes e nervosas, onze pessoas. Crianças, uma delas de colo, eram sete.

O encontro foi celebrado em silêncio. Como um novelo, todos se uniram à volta do Tobias, num abraço. Nem uma palavra. Sequer um choro audível, apesar dos olhos brilhando. Apenas grandes sorrisos e aqueles afagos, as carícias da mulher do Tobias na sua face molhada de suor e lágrimas, as crianças agarradas às pernas dos adultos, com um olho na emoção e outro nos estranhos seres que assistiam, brancos, “vestidos de árvore”.

– Nunca esquecerei este dia, pá. Muito obrigado por teres falado com o capitão e por teres vindo.

Rui abriu os braços. Estava comovido. Meio constrangido, deixei-me abraçar. Lutava contra a minha própria comoção, já tentando apressar o início do regresso ao Mucondo. Com todas aquelas pessoas, sobretudo com as crianças, a progressão seria mais lenta do que o desejável. Se houvesse perseguição aos desertores poderíamos ter problemas sérios. Por precaução, mandei o Tobias na frente, com a sua gente, e o Godinho a fechar o grupo. O Rui e eu seguimos uns cem metros atrás, atentos às nossas costas.

A tática, se era boa, não chegou a ficar provada. Não houve perseguição nenhuma. Talvez os guerrilheiros não tivessem descoberto a fuga a tempo de nos

alcançar. Ou, se chegaram a iniciar a perseguição, é possível terem detetado a presença de militares e decidido não valer a pena o contacto.

No quartel havia espumante à nossa espera. Guardava-o o furriel Mendes, para a passagem do ano, mas foi aberto, com o estouro da praxe e alguma solenidade. Estava muitos graus acima da temperatura adequada. Morno como água numa banheira. Apesar disso, nunca bebi outro com tanto prazer.

Uma buzina traz-me, de volta, a este fim de tarde. Um indivíduo, com um sorriso irónico, espera que eu me decida. Quer o meu lugar. Viu-me entrar no automóvel e estranha a demora. Faço-lhe um aceno, em jeito de pedido de desculpas, e arranco.

O cemitério mergulha lentamente na escuridão. Deito-lhe um último olhar mesmo antes de iniciar a descida da rampa de saída. E a ideia surge, definida. Vou adiar o meu regresso a Lisboa. Em lugar do voo da manhã, apanharei o da noite. Para o jornal é indiferente. A minha reportagem está prevista para a edição de segunda-feira. Terei tempo para escrevê-la. O que não posso fazer é desperdiçar esta oportunidade de me reencontrar com o Rui, de ficar uns momentos junto do seu túmulo. E de lhe pedir que me perdoe pelo atraso.



(“MORREREMOS AMANHÃ”)

9. 24

Não há ninguém a vender flores à porta do cemitério. Nem gente para comprá-las, se as houvesse. Vejo duas senhoras, a entrar, sob o peso de luto carregado, e um homem, ainda novo, que parece esperar alguém. Todo o resto é sossego. E silêncio.

Passamos pelo enorme portão com a solenidade dos visitantes inseguros. Digo-o por mim. A quietude dos cemitérios intimida-me. E tenho a mórbida tendência para me

identificar com todas as dores aqui choradas. Não entro em cemitério algum sem sentir um aperto no peito.

Alice chama a minha atenção, com um movimento de cabeça.

– É a campa de Antero de Quental.

O jazigo é modesto. Raso, cercado por um gradeamento, com uma pequena pedra tumular ao meio. Adequado a quem nunca se mostrou apegado às coisas deste mundo. Aqui ao lado há jazigos faustosos e enormes capelas onde estão os restos de famílias inteiras ou, simplesmente, de um endinheirado que pretendeu ficar por mais tempo. Se não na memória, pelo menos no mármore de qualidade.

– Em certas alturas, normalmente perto de eleições, alguns políticos vêm aqui. Trazem fotografos e câmaras de televisão, fazem discursos, deixam flores e, depois, esquecem.

Alice parece ler-me os pensamentos. Interrogava-me sobre o lugar de Antero na memória coletiva dos açorianos e não me surpreendo com utilizações oportunistas do seu nome. É esse um dos préstimos dos mortos famosos. Outro é o de não protestarem, se convocados não importa para que causa.

Antero não foi útil a ninguém nos tempos mais recentes. Não há aqui flores. O único perfume é o da quadra escrita por João de Deus e gravada, a negro, na pedra tumular.

Aqui jaz pó: eu não; eu sou quem fui

Raio animado dessa Luz celeste,

À qual a morte as almas restitui,

Restituindo à terra o pó que as veste.

Deixamos o poeta, de novo esquecido. Não sei porquê, fiquei triste. O epitáfio, ao falar de transitoriedade e de imortalidade, disse-me a verdade sobre a minha própria vida. Sou apenas mais um que não vai deixar rasto. É pena. Não por mim, mas por aqueles a quem nada deixo. Nem sequer um poema.

– É ali.

Alice aponta um jazigo, baixo, revestido a pedra de basalto. Na cabeceira sobressai uma cruz, também de basalto, e há um pequeno vaso com flores naturais. Vê-se serem velhas. Têm, certamente, muito mais de uma semana.

Numa fotografia igual à que vi na casa de Alice, Rui sorri para quem por aqui passe. Foi ela, certamente, quem decidiu pô-lo assim, à paisana, a sorrir, e não fardado, com o ar sério dos militares. Fez bem. Os cemitérios têm demasiadas fotografias de heróis mortos, jovens cujas fardas sublinham o desperdício das suas vidas.

Sinto as pernas moles. Fraquejo perante mais esta visão do pó em que foi transformado um homem. A este, conheci-o. Fomos camaradas, confidentes, amigos. Para além da saudade, também nada deixou que faça alguém lembrar-se dele, digamos,

em 2060. Não teve tempo. Nem para escrever o seu livro. Roubaram-lhe a imortalidade possível.

– Estás bem?

Alice pressente o turbilhão na minha cabeça, intui a minha dificuldade em lidar com a emoção deste reencontro. É o Rui quem aqui está. Sorri, na fotografia, mas o seu sorriso, aqui, no cemitério, só acentua a sua ausência. A mim, parece-me ainda mais morto do que naquela madrugada de cacimbo. Ao menos via-o. E podia, tristemente, fingir que ele apenas dormia.

À memória chegam-me imagens nítidas do furriel enfermeiro lavando, com uma toalha molhada, o torso nu do Rui. A tremura das suas mãos e a cara de enjoado irritavam-me, mas não conseguia arrancar-lhe a toalha, empurrá-lo e fazer o trabalho. Limitei-me a ficar observando, indeciso entre uma última manifestação de amizade e a minha própria náusea.

Embora o ferimento estivesse seco, colocámos um lenço à volta do pescoço do Rui. Era branco e contrastava com a camisa militar, verde azeitona. O conjunto conferia-lhe o aspeto cuidado dos mortos e foi assim que o levámos para a capela. Satisfazendo-lhe a vontade, preendi com um alfinete, no bolso da sua camisa, a medalha do Santo Cristo que ele sempre trazia. Agora estará aqui, na escuridão, sem sequer poder brilhar, entre o pó a que o tempo reduziu o seu portador.

Choro. Toda a tensão acumulada nos últimos dois dias explode em soluços. Sem controlo, nem vergonha, deixo que a minha dor se manifeste. E é grande esta dor. Acumulei-a, alimentei-a, trouxe-a sempre comigo. Chegou a hora de a libertar.

Alice abraça-me. Oferece o seu ombro e acaricia-me a nuca, num afago maternal que vai acalmando o meu pranto. O peito dói-me, mas invade-me uma entorpecente sensação de alívio.

– Perdoa-me, Alice. Não consegui conter-me.

– Este não é um lugar para reprimir lágrimas. Não o faças...

– Vir aqui é mais doloroso do que pensei. De certa maneira, voltei ao dia em que ele morreu. O tempo parece não ter passado.

– Por mim, passou, mas devagar. Nos primeiros anos quase não conseguia respirar. Ficava aqui, revendo, passo por passo, o funeral. Até me parecia ouvir, de novo, o padre, as vozes, o ruído da terra caindo sobre o caixão. Um som horrível...

– Ainda tens essas imagens, os sons, a dor?

– Não. O passar dos anos foi apagando tudo isso. Ainda venho aqui com alguma frequência, mas já não sofro, não choro. Fico apenas um pouco melancólica. E sinto pena. Por ele, por mim e pela vida que podíamos ter vivido, os dois.

Recomponho-me. Sinto não ter o direito de chorar ao lado de quem viu cobrirem, às pazadas, o amor da sua vida. Com ele foram enterrados, também, todos os sonhos,

todas as utopias duma juventude que morreu no mesmo dia. A minha dor é insignificante, face a tal sofrimento e a tão grande desespero. Se quiser chorar, terei de o fazer a sós.

Deito um último olhar à fotografia do Rui. Faço a mim próprio a promessa de voltar e de ficar mais tempo, recordando, já não a fatídica noite do Mucondo, mas os bons momentos que partilhámos e a amizade abruptamente interrompida.

– Vamos, Alice. Voltaremos um dia. Eu sei que vou voltar aqui.

Ela concorda. Em silêncio, iniciamos o regresso. Alice parece interessada em observar o que nos rodeia, talvez para evitar mais recordações penosas. Faço o mesmo. E apercebo-me de como este cemitério está cheio de poesia. Há poemas de cônjuges, de filhos, de pais. Singelos, belos, são todos pungentes. Uma quadra impressiona-me. É assinada por Urbano de Mendonça Dias.

Quem não tem filhos no mundo
Não chore por nunca os ter,
Que o desgosto mais profundo
É chorar por os perder.

Alice nota o meu interesse pela quadra e fala-me dos pais do Rui. Nunca se recompuseram do desgosto de o perder. A mãe não conseguiu, sequer, assistir ao funeral.

– Tive uma perda terrível, mas não posso compará-la à deles. Enterrar um filho é morrer com ele. E a verdade é que pouco mais viveram. O pai faleceu seis anos depois e a mãe não lhe sobreviveu por muito mais tempo.

Abstenho-me de perguntar pelos pais dela. Não quero devassar a sua vida, nem suscitar evocações penosas. Limito-me a meter-lhe o braço e a retomar a caminhada, de novo concentrado na observação do que está à nossa volta. E vejo, com surpresa, como as campas estão repletas de flores de plástico.

Triste sinal dos tempos. Já quase nada é natural. Aqui, nem as flores, nem o carinho pelos mortos. Uma sepultura colorida, embora a plástico, sempre é melhor que a prova do abandono estampada numa campa nua, sem flores nenhuma, mesmo que murchas, secas. Como lá fora, as aparências são importantes neste mundo de silêncio.

A quietude do cemitério mantém-se, mas agora não me sinto intimidado por esta atmosfera de opressivo sossego. Uma estranha satisfação apossa-se mesmo de mim. É quase alegria. E demoro a perceber que o motivo foi o meu reencontro com o Rui, finalmente concretizado.

Trinta anos depois, libertei-me da minha culpa.



NO CUME DO PICO EM 2004



10. UMA LARANJA NO MATO

Só quando a vi, pequena, amarela, rebolando à minha frente, me passou o arrepio instantâneo que sentira no momento em que a pontapeara. E nem tive tempo para me recriminar pelo descuido imperdoável de caminhar pelo mato sem ver onde punha os pés. A estupefação eliminou os insultos que, mentalmente, me preparava para dirigir a mim próprio. À minha frente rolava uma laranja.

O insólito fez-me mandar parar o grupo. Como raio havia uma laranja no meio de mato cerrado, onde apenas aqui e ali a densa vegetação deixava uns raios de sol chegarem ao solo, em feixes de luz a fazer lembrar gravuras de catecismo?

Hesitante, apanhei-a do chão. Não tinha a rugosidade das laranjas da terra que, aos sábados, recém-chegados do Mercado da Graça, espalhávamos, em duas ou três taças, pela cozinha e pela sala de jantar. Nem exalava, tampouco, o irresistível cheiro agridoce que me impelia a comê-las sem lhes retirar a casca, num deleite que a acidez ainda mais acentuava. Esta tinha casca grossa, era rijá e parecia querer esconder qualquer odor que a denunciasses como o fruto que era.

Mas estava madura a inesperada laranja do mato angolano. E aos olhos chegaram-me não as suas reais dimensões, pouco maiores do que uma bola de ténis, mas

visões de um tempo em que comia, sôfrego, grandes laranjas de umbigo. E eu cheio de sede, encurralado naquele forno que percorria há horas.

Num gesto de John Wayne, esfreguei-a no peito, pouco me importando que o “dólmán” estivesse molhado de suor, e dei-lhe uma dentada. Um esguicho de sumo acertou-me num olho. O grupo desatou às gargalhadas.

Só depois de mais dois ou três terem dado a sua dentada é que verificámos estar mesmo sobre as nossas cabeças uma laranjeira de uns seis metros de altura, brava resistente ao assalto de toda a espécie de árvores que tomaram conta do que fora, há uns doze anos, uma florescente fazenda no norte de Angola.

Não precisava desse incidente para me maravilhar com os prodígios da Natureza em África. Já antes me tinha deixado seduzir pela exuberância de plantas e animais, pela luminosidade ímpar do entardecer, pela violência das trovoadas, pelo cheiro da terra molhada, pelo espetáculo belo e assustador do capim a arder.

De Angola guardo o crescente respeito que fui tendo pelo guerrilheiro que me enfrentava e a recordação de um tempo em que o coração me bateu mais forte do que julguei poder suportar. Mas também me ficaram memórias inapagáveis de frenéticos carreiros de formigas quissonde, do troar da correria de uma manada de pacaças ou de uma paragem para almoço à sombra de um embondeiro.

Ah, apesar do esguicho num olho, não tinha muito sumo aquela laranja. E faltava-lhe a acidez que confere autenticidade aos citrinos. Mas, entre as centenas que comi ao longo da vida, é a única de que resta uma memória exata. Do seu cheiro, do seu sabor, do lugar, do momento e da circunstância.

E é isso que, um dia, me vai levar de volta a África.

IN “AÇORIANO ORIENTAL”, MAIO DE 2010

11. *UMA NOITE NO JARDIM (IN “A NOITE DOS PRODÍGIOS E OUTRAS HISTÓRIAS”)*

Como se fora uma cortina a abrir-se, a nuvem afasta-se, devagar. Para além dela, o negrume da noite vai explodindo em pequenas luzes. Muitas. Bastante mais do que Zacarias se recorda de alguma vez ter observado, incluindo a meia dúzia de noites dedicadas à aprendizagem dos rudimentos de astronomia, pela mão e infinita paciência de um velho tio.

Do que aprendeu, já pouco lhe resta. Identifica, sem dificuldades, o planeta Júpiter, a constelação de Orion e a bela Sírio, cujo brilho parece querer ofuscar a miríade de estrelas visíveis, mas decide terminar aí os esforços de memória.

Entrega-se, antes, a cogitações acerca da irrealdade do que observa no céu. “Aquela estrelinha, ali, pode já lá não estar. Pode ter explodido, há milhares de anos. E,

no entanto, estou a vê-la! E, com toda a certeza, morrerei antes de comprovar a morte dela”...

O êxtase por tais maravilhas do cosmos depressa cede lugar a pensamentos sombrios sobre quão transitória é a existência. Até de uma estrela.

Zacarias sente-se mais insignificante do que nunca, tão mortal e à mercê dos elementos como um simples mosquito no trânsito de uma vida de segundos. E pensa que pode não sobreviver a esta noite de estrelas – e de pesadelo.

Está deitado, de costas, no parque infantil do jardim botânico da cidade, há mais de duas horas. Encontra-se assim desde que caiu, desamparado, do baloiço em que, à socapa, recordou os momentos de rara felicidade vividos na meninice, ali mesmo, naquele balançar temerário que as risadas dos amigos e os olhares das meninas levavam à beira do desastre.

Ao passar pelo jardim, no habitual “jogging” do princípio da noite, Zacarias olhara para o baloiço, pela enésima vez, com o bichinho da saudade a fazer-lhe formigueiro na alma. E não resistiu mais. Saltou o muro.

Agora, paga o preço da aventura. Está imobilizado por uma dor insuportável que o ataca sempre que ensaia mais movimentos do que piscar os olhos, mexer a língua, os lábios e alguns dedos das mãos.

Como também não consegue gritar, limita-se a esperar que o encontrem. Talvez só depois da reabertura do jardim, pensa ele, consciente da improbabilidade de o procurarem, de noite, no parque infantil de um jardim fechado a cadeado.

Um leve restolho interrompe-lhe os pensamentos. Sem identificar claramente a proveniência do som ou o que o provoca, só sabe que é demasiado ténue para ser de passadas humanas. Deduz que um qualquer animal se aproxima e imediatamente se arrepia perante a hipótese de se ver confrontado com uma ratazana.

Mais por nojo do que por medo, faz a si próprio a promessa de enfrentar quantas dores forem necessárias para manter a ratazana afastada do seu corpo. Gemendo de dor, o suor a escorrer-lhe para os olhos, levanta a mão direita uns centímetros e deixa-a cair, num grito abafado. A ratazana, só podia ser uma maldita ratazana, foge numa corrida breve.

Mas Zacarias não tem descanso. Ainda recupera da dor lancinante e já ouve, de novo, o mesmo som indistinto. Determinado, levanta de novo a mão, cada milímetro parecendo o inferno.

No instante em que se prepara para bater com a mão no chão e, possivelmente, para gritar de dor, dois grandes olhos, vivos, inquisidores, materializam-se a menos de um palmo do seu nariz.

O susto é enorme. Zacarias ouve o seu próprio coração, que parece a ponto de explodir-lhe no peito. E tenta perceber, tenta ver algo para além daqueles olhos.

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 28 – Carlos Tomé

Quando percebe, quase desmaia. O que está à sua frente é um enorme cão de fila, que o fita num silêncio que Zacarias sabe ser muito mais perigoso do que o rosnado ameaçador de outras raças.

Indefeso, espera pelo pior com uma estranha calma que sente invadir todo o seu corpo, entorpecendo-o como se fora uma anestesia. Quando fecha os olhos, procura não pensar em nada, tenta evadir-se do seu próprio corpo.

É, então, que sente a língua grande, quente e húmida do cão a percorrer-lhe o rosto. Uma lambidela, duas, três...

Zacarias foi encontrado às oito da manhã, pelo guarda do jardim. A seu lado, montando guarda, afastando ratazanas e outros bichos, estava o enorme "fila", que cobrava, em lambidelas, o serviço prestado.

Cinco dias depois, quando saiu do hospital, Zacarias insistiu em passar pelo jardim, numa visita ao amigo canino. De presente levou-lhe um belo naco de carne e um frasco de óleo de amêndoa doce. Óleo exatamente igual ao que tinha aplicado na cara, naquela noite, para acalmar uma pele desidratada.

Zacarias pensa que o cão gosta do óleo. A não ser assim, como justificar as cento e trinta e quatro lambidelas daquela noite?



COM LUIZ ANTÔNIO DE ASSIS BRASIL EM 2005



CANTAROLANDO COM DANIEL DE SÁ EM 2004



EM CASA COM LUIZ A. ASSIS BRASIL 1995



COM ZECA MEDEIROS NO PROGRAMA TELEMANHÃ EM 1996



2003 COM BRUNO DA PONTE NO LANÇAMENTO DE A NOITE DOS PRODÍGIOS



COM LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO EM 2009



2003 COM EDUÍNO DE JESUS NO LANÇAMENTO DE A NOITE DOS PRODÍGIOS



© Arquivo AO / Eduardo Costa



RECEBENDO A MEDALHA DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE RIO GRANDE DO SUL 2011



RECEBENDO O DIPLOMA DE CIDADÃO DE PORTO ALEGRE 2011



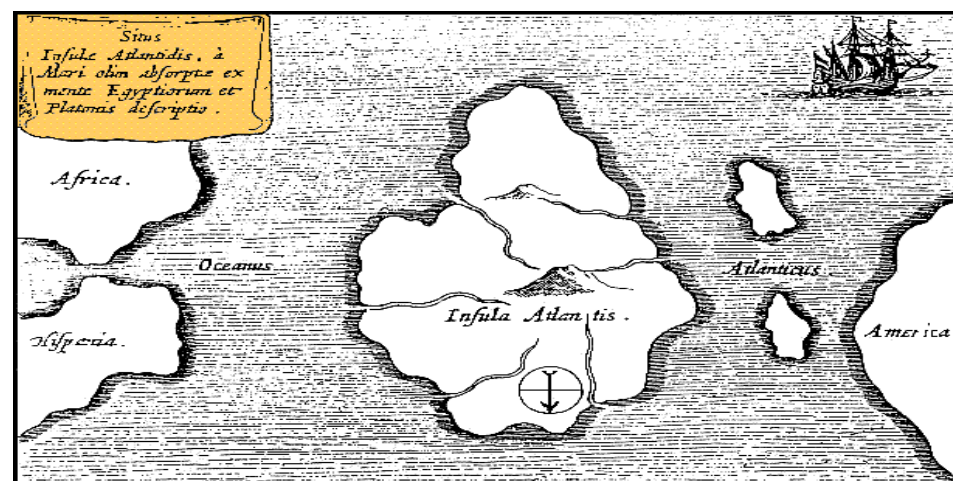
CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

CADERNO # 28 - edição junho 2015

Carlos Tomé



COM VALESCA DE ASSIS NA FEIRA DO LIVRO DE PORTO ALEGRE 2005



Editor AICL/Colóquios da Lusofonia

Coordenação dos Cadernos: Chrys e Helena Chrystello

(Chrys Chrystello editou este número)

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



© TM®

Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)